

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE DE 1979-2004: ENTRE O BIOLÓGICO E O PEDAGÓGICO

Rachel Borges Corte
Amarílio Ferreira Neto

RESUMO

Objetivou detectar e discutir a influência da Biologia e da Pedagogia na Educação Física escolar, por meio dos “usos” que os articulistas da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) fazem de suas fontes, no período de 1979 a 2004. Parte dos conceitos de “apropriação” de Certeau (1994) e “lutas de representação” de Chartier (1988). O corpus documental foi formado por 66 artigos: 20 de Biologia e 46 de Pedagogia. Concluímos que ainda está muito presente na RBCE a hierarquização dos saberes apropriados pela Educação Física, em especial, os saberes biológicos e pedagógicos.

Palavras-Chave: Educação Física. RBCE. Biologia. Pedagogia.

ABSTRACT

It was aimed at detecting and discussing the influence of Biology and Pedagogy in the school Physical Education, through the “uses” that the writers of Brazilian Journal of Sports Science do of their sources, between 1979 and 2004. It's based on Certeau's (1994) concept of “appropriation” and Chartier's (1988) concept of “representations fights”. The documental corpus was formed by 66 articles: 20 of Biology and 46 of Pedagogy. We concluded that the hierarchization of the knowledge acquired by Physical Education is still present in RBCE, specially biological and pedagogical aspects.

Keywords: Physical Education. RBCE. Biology. Pedagogy.

RESUMEN

Objetivó detectar y discutir la influencia de la Biología y de la Pedagogía en la Educación Física escuela, por medio de los “usos” que los articulistas de la Revista Brasileña Ciencias del Deporte (RBCE) hacen de sus fuentes, en el periodo de 1979 a 2004. Parte de los conceptos de “apropiación” de Certeau (1994) y “luchas de representación” de Chartier (1988). El corpus documental fue formado por 66 artículos, donde 20 son de Biología y 46 de Pedagogía. Se concluye que, aún está muy presente en la RBCE la jerarquización de los saberes apropiados por la Educación Física, en especial los saberes biológicos y pedagógicos.

Palabras claves: Educación Física. RBCE. Biología. Pedagogía.

INTRODUÇÃO

De forma geral, o estudo pretendeu identificar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, como se deu o processo de crescente incorporação das Ciências

Biológicas, Humanas e Sociais na constituição do pensamento pedagógico do componente curricular Educação Física na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), no período compreendido entre 1979 e 2004. Especificamente, pretendemos investigar quais foram as bases teóricas de conhecimento biológico e pedagógico utilizadas pelos autores dos artigos analisados, visto que foram essas as áreas que mais se fizeram presentes e influentes na Educação Física escolar nos artigos analisados na RBCE, no período estudado.

A escolha da RBCE justifica-se por ela se apresentar como um dos periódicos de maior tempo de circulação e periodicidade¹ da Educação Física, tornando-se, dessa forma, um dos veículos de publicações científicas da área que maior legitimidade conquistou na comunidade acadêmica, destacando-se o caráter ininterrupto de suas publicações. A RBCE é a instância oficial de divulgação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), tornando-se uma das literaturas norteadoras da área.

Podemos afirmar que esta investigação constitui uma instância privilegiada para se estudar o que as diferentes matrizes teóricas trazem de contribuição para o campo da Educação Física. A hipótese de fundo é que uma Teoria da Educação Física brasileira, constituída no século XX, é resultante de incorporações sistemáticas de conhecimentos oriundos das Ciências Biológicas, Humanas e Sociais.

Assim, consideramos que estudar como se dá a influência das Ciências Biológicas, Humanas e Sociais na constituição de uma suposta Teoria da Educação Física brasileira na RBCE, bem como analisar o processo de *apropriação* (CERTEAU, 1994) dos referenciais teóricos utilizados na Revista pelos articulistas dos artigos selecionados são meios capazes de revelar aspectos ainda não compreendidos no processo de constituição de um modo de pensar a Educação Física e os saberes que lhe deram suporte como disciplina escolar. Desse modo, o que pretendemos é, a partir da identificação dos saberes² constituidores da Educação Física, compreender como estes são apropriados pelos referenciais teóricos dos artigos, configurando-se como prática escolar.

A interligação entre as Ciências Biológicas e as Ciências Humanas e Sociais foi aqui utilizada tomando por base as orientações de Chartier (1988) no que se refere às resistências e lutas de representação que, pelo monopólio do espaço da Educação Física brasileira, buscavam ser a voz autorizada. O conceito de lutas de representação propõe que existe, na relação com o mundo social,

[...] em primeiro lugar, o trabalho de *classificação* e de *delimitação* que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente as *práticas* que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (CHARTIER, 1988, p. 23, grifo do autor).

¹ Apresenta-se com publicações quadrimestrais nos meses de janeiro, maio e setembro.

² Partimos aqui do entendimento de que a Biologia e a Pedagogia são alguns dos saberes constituidores da Educação Física.

Sob essa perspectiva, a circulação dos saberes das Ciências Biológicas e das Ciências Humanas e Sociais na RBCE e as representações acerca desses saberes constituem a questão central deste estudo.

Partindo de uma investigação histórica, apoiamo-nos em Bloch (2001, p. 79), quando o autor afirma que “[...] toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a busca tenha uma direção [...] nunca a observação passiva gerou algo fecundo”. Deve-se sempre estar atento aos documentos que não falam por si sós, devendo o autor saber interrogá-los. (BLOCH, 2001). E foi desta forma, “interrogando” as Revistas no que tange a aspectos da criança em idade escolar, especificamente em relação a temas com viés biológico e pedagógico sobre esse indivíduo, que este estudo se configurou.

Segundo Ferreira Neto (2005, p. 4), “[...] nas maneiras de organizar/dispor os artigos se costuma induzir maneiras de ler, compreender e construir sentidos”. Fato este facilmente percebido nas publicações da RBCE, ao longo de sua trajetória acadêmico-científica, em especial no que se refere às temáticas abordadas em diferentes momentos trilhados pela Revista. Dito isso, partimos do entendimento de que tanto a Biologia quanto a Pedagogia se fazem presentes aparentemente em momentos distintos da Revista.

Talvez, quando do surgimento da RBCE, isso tenha sido necessário, num momento de esforços envidados na luta pelo reconhecimento da autoridade e da competência científica desse periódico, configurando-se, também, e principalmente, como uma luta pela acumulação de *capital* simbólico,³ termo cunhado por Pierre Bourdieu (1996), como capital fundado no conhecimento e no reconhecimento de um determinado padrão de cientificidade, ditado por alguns “cientistas” em nome da “verdade” e da “razão”. Dito de outra forma, seria a capacidade do periódico de produzir de forma autorizada e com autoridade.

Contudo, observamos nas páginas da Revista que a localização temporal dessas áreas não era tão estanque como pode parecer, sendo possível perceber a circulação de ideias, passíveis de ajustes e reajustes de acordo os com interesses de quem escrevia nesse periódico, indicando que as prescrições e os saberes eram pensados e projetados por quem detinha autoridade sobre a RBCE.

Sobre a ideia de estudar a criança, Manoel Bomfim, citado por Freitas (2002, p. 366), afirmava que “[...] uma ciência sobre a criança deveria estruturar-se mais para fora do que dentro dos laboratórios” pois a

[...] criança, enquanto objeto de estudo, revestia-se de uma complexidade ímpar, e que zelar pela possibilidade de expandir sua independência e individualidade tornava o ofício de estudá-la um empreendimento arriscado se amparado nos excessos da métrica (FREITAS, 2002, p. 366).

Nesse sentido, pela via da escola, é possível compreender essa complexidade inerente à criança. Esse é um tema de grande preocupação e interesse de cientistas e educadores, médicos e outros profissionais, visto o número de artigos veiculados pela RBCE que se propõem a estudar a criança num contexto maior.

³ “Capital simbólico é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital; físico, econômico, cultural, social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor. Mais precisamente, é a forma que todo tipo de capital assume quando é percebido através das categorias de percepção, produtos da incorporação das divisões ou das oposições inscritas na estrutura da distribuição desse tipo de capital [...]” (BOURDIEU, 1996, p. 107).

Essa significativa concentração de estudos demonstra o interesse sobre esse público, visto ser esse um campo profícuo para pesquisas na área da Educação, em especial sobre crianças inseridas na escola, espaço propício para investigações sobre o comportamento dos alunos em frente às novas propostas de práticas educativas, considerando o conhecimento científico sobre a criança em seus processos de aprendizagem escolar. Nesse contexto, passa-se a considerar a criança como “objeto de ciência” (FREITAS; KUHLMANN JUNIOR, 2002, p. 8), com ela ocupando o centro das atenções investigativas.

A temática refletida neste trabalho teve relevância no cenário educacional brasileiro a partir da segunda metade do século XIX e veio a se consolidar no interior do movimento escolanovista. Esse movimento reviu o trabalho escolar, suas condições e resultados mediante novos pressupostos e métodos de investigação. Segundo Carvalho (2001), a Escola Nova, como corrente de pensamento educativo, pretende mudar, ajustar socialmente o comportamento do professor, do aluno e da escola em relação a outras perspectivas, neste caso, em relação à Escola Moderna. Já em meados do século XIX, admitiu-se que a criança deveria ser objeto de investigação sistemática.

Nesse contexto, Carvalho (2001) afirma que o trabalho com “impressos” para o movimento escolanovista tinha como objetivo fundamentar o professor nas teorias educacionais, de modo a fornecer-lhe base para uma educação mais científica e incentivá-lo a adquirir hábitos de leitura, constante atualização e aprimoramento nessas teorias científicas educacionais. De acordo com o movimento da Escola Nova, o estudo da criança é o ponto de partida para o conhecimento do educando em geral, sendo ampliado depois para as demais fases do desenvolvimento.

A Educação, segundo os preceitos de Marinho, citado por Ferreira Neto (1999), deveria enfatizar o educando, o educador e a escola dentro da concepção de Escola Nova em oposição à Escola Tradicional. A primeira entende que a educação se baseia na autonomia, na liberdade, na mobilidade, na iniciativa própria, na disciplina natural que ocorre de dentro para fora, na atenção natural e espontânea e no interesse. Já o modelo de Escola Tradicional que, na concepção de Marinho, deveria ser superado, baseia-se na subordinação, na coerção, na imobilidade, no automatismo, na disciplina artificial e de fora para dentro, na atenção artificial e comandada e na obrigação.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A produção científica recente demonstrou que o periódico foi utilizado como estratégia de divulgação das perspectivas educacionais desde o século XIX. No caso da Educação Física, a partir da década de 1930, isso é particularmente visível. Nesse sentido, considera-se que a teorização sobre Educação Física realizada no Brasil, no século XX, tem nos periódicos uma fonte de pesquisa privilegiada e pouquíssimo explorada. O recorte estabelecido para este estudo, ou seja, 1979-2004, justifica-se pelo surgimento da Revista em 1979 e pelo início da pesquisa no ano de 2004.

Nesse contexto, as publicações periódicas da RBCE foram utilizadas aqui como fonte, diretriz que se configura em estudos “a partir” do uso dos periódicos, por eles permitirem, a propósito da leitura, acompanhar de modo contínuo a atualidade das preocupações pedagógicas (CATANI; SOUZA, 1999). Assim como Carvalho (2001, p. 64-65), consideramos, quanto ao uso de impressos, que,

Analisados como produtos de estratégias determinadas, os materiais impressos deixam ler as marcas de usos prescritos e de destinatários visados. Fornecem indícios sobre as práticas que se formalizam nos seus usos, mas têm o seu peso documental fortemente demarcado por sua relação com as estratégias de que são produto. O que significa dizer que as informações que fornecem sobre as leituras de que são objeto são mediadas por sua configuração como produto de estratégias determinadas.

De posse dos exemplares impressos necessários, foi feito um levantamento dos artigos que se apresentavam em formato de texto completo. Foi, então, analisado artigo por artigo de cada exemplar da RBCE, encontrado no período de 1979 a 2004, buscando classificar esses artigos nas grandes áreas de conhecimento mais recorrentes, quais sejam: a Biologia e a Pedagogia. Essa classificação se deu pela identificação, inicialmente pelo título, em seguida pelo resumo e, por fim, pelo texto propriamente dito, de aspectos característicos dessas duas áreas do conhecimento.

Realizado esse levantamento, chegamos a um *corpus* documental geral de 66 trabalhos selecionados, no período de 1979-2004, dividido em dois momentos.⁴ A primeira fase desta pesquisa compreendeu o intervalo de 1979 a 1987, contabilizando 16 artigos, sendo 11 da Biologia e 5 da Pedagogia. Já a segunda fase ateu-se ao recorte temporal de 1988 a 2004, no qual foram identificados 50 artigos assim distribuídos: 9 na área da Biologia e 41 na área da Pedagogia.

Os 20 trabalhos da Biologia (incluindo os dois períodos) discutiam predominantemente temas relacionados com a Antropometria, Somatotipo e Aptidão Física, enfocando estudos de medidas e avaliação de diferentes componentes corporais, valências físicas e habilidades motoras, vislumbrando uma possível relação existente entre essas variáveis e o processo de crescimento e maturação das crianças. Já na Pedagogia, destacaram-se 46 trabalhos que priorizaram os temas Currículo, Metodologia e funcionamento do trabalho escolar, Legislação escolar e Ensino-aprendizagem. O quadro 1 ilustra esses dados.

1979-1987		
ÁREA	SUBÁREA	Nº DE ARTIGOS
BIOLOGIA	Antropometria	9
	Aptidão Física	2
PEDAGOGIA	Legislação	4

⁴ Essa divisão da pesquisa em dois momentos deve-se ao fato de que, do surgimento da Revista, ela foi dirigida por médicos, decorrendo daí a explicação de grande parte dos artigos da primeira fase em questão (1979-1987) apresentarem estudos quase exclusivamente com temáticas relacionadas com a questão biológica, ocorrendo o inverso no período de 1988 a 2004, no qual a veiculação de artigos desta área diminuiu consideravelmente.

	Ensino-aprendizagem	1
1988-2004		
BIOLOGIA	Antropometria	3
	Aptidão Física	5
	Somatotipo	1
PEDAGOGIA	Metodologia	13
	Currículo	12
	Ensino-aprendizagem	16

Quadro 1 – Demonstrativo do número de artigos por área e subárea

Os artigos identificados por meio desse mapeamento foram agrupados nos seguintes eixos temáticos:⁵ *Área, Subárea, Autor/Ano, Objetivos, Referenciais Teóricos, Tipo de Pesquisa, Material e Método, Resultados e Finalidade do Estudo com Escolares*. Esse levantamento possibilitou uma maior compreensão do conteúdo dos artigos.

Assim, a pretensão deste trabalho foi realizar um mapeamento na RBCE, procurando identificar o tipo de autoria privilegiada por área e por período nos artigos; o uso das fontes estrangeiras e nacionais pelos articulistas; e o quantitativo de referências teóricas presentes nos artigos da Pedagogia oriundos da área da Educação, da Educação Física e das Ciências Humanas e Sociais.

A BIOLOGIA NA RBCE ENTRE 1979-2004: TIPO DE AUTORIA E FONTES

TIPO DE AUTORIA

A partir do mapeamento dos 11 artigos analisados na primeira fase da pesquisa que se estende de 1979 a 1987, foi possível identificar que a autoria ora aparece de forma individual, com cinco ocorrências (45%), ora de forma coletiva, com seis ocorrências (55%). Já no segundo momento da pesquisa, entre 1988-2004, partindo de um total de nove artigos mapeados na área de Biologia, foram identificados três trabalhos com autoria individual (33%) e seis com autoria coletiva (67%). Esses dados estão identificados nos gráficos abaixo, de acordo com o respectivo período.

⁵ O eixo temático denominado *Área* consistiu numa classificação quanto às matrizes teóricas: Biologia e Pedagogia. As *Subáreas* referem-se a uma categorização das matrizes teóricas em subáreas mais específicas. Coube ao eixo *Autor/Ano* a identificação da autoria e a data de publicação do artigo. O item *Objetivo* correspondeu ao que se pretendia realizar no estudo com escolares. No eixo *Referencial Teórico*, buscou-se relacionar os nomes dos autores de referência dos artigos. Em *Tipo de Pesquisa*, identificou-se a natureza do artigo. O item *Material e Método* consistiu em identificar quais materiais (instrumentos) e procedimentos (testes) eram utilizados no estudo com as crianças analisadas. Em *Resultados*, identificaram-se os resultados obtidos do estudo feito com escolares. Por fim, o item *Finalidade do Estudo com Escolares* consistiu em saber por que o estudo havia sido realizado com crianças.

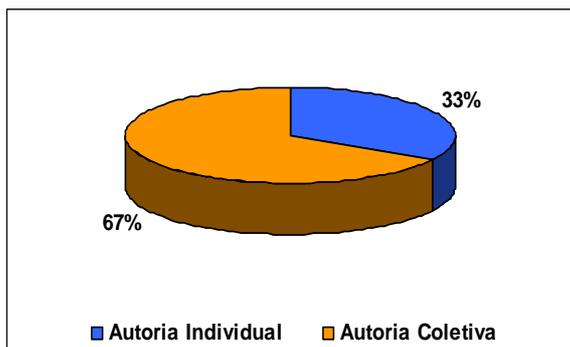
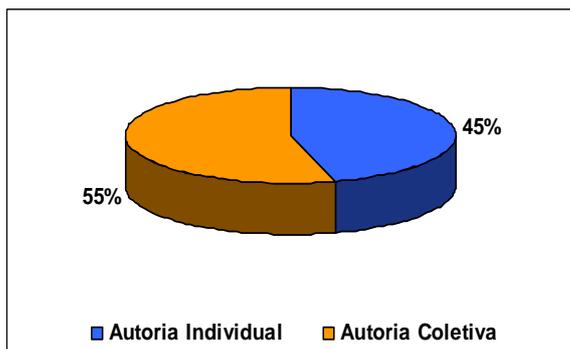


Gráfico 1 - Tipo de Autoria (1979-1987)

Gráfico 2 – Tipo de Autoria (1988-2004)

Podemos inferir daí que as pesquisas publicadas no âmbito da RBCE privilegiam a formação de autoria numa perspectiva de coletividade do processo de organização do trabalho científico, que perpassa o caminho da problematização de um objeto de investigação até sua publicação. A forma coletiva de apresentação dos artigos pode ser indicativo de que a comunidade acadêmica demonstra que tem seu objeto de trabalho, qual seja, o conhecimento, em sua expressão potencializadora, com base na visão de professores/pesquisadores como coletivo organizado.

Sobre essa organização, Lovisolo e Kowalski (2000) apontam duas hipóteses que podem explicar essas diferenças. A primeira indicaria o tipo de organização institucional que, em função de objetivos diferenciados, criaria estilo de trabalho privilegiando, quer o trabalho em equipe, quer o trabalho individual. Contudo, esta hipótese é difícil de ser testada apenas a partir dos dados presentes nas Revistas. A segunda hipótese aponta o número de autores como variável dependente do tipo de área temática privilegiada pela instituição. Além disso, Lovisolo e Kowalski (2000) afirmam que as instituições que possuem maior concentração de suas produções em linhas mais duras de pesquisa, como é o caso das diversas áreas que a Biologia abarca, teriam um estilo de trabalho que privilegiaria o grupo (o coletivo), como resultados das exigências do trabalho de laboratório ou de medidas.

REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Quanto à utilização das fontes, no primeiro recorte da pesquisa, foi identificado um quantitativo de 210 referências teóricas nos 11 artigos da Biologia. Observamos que os autores da Revista fazem uso de fontes estrangeiras com maior frequência, com 132 ocorrências (63%), e em menor proporção de fontes nacionais, com 78 ocorrências

(37%).

Já no segundo momento, entre 1988 e 2004, dos nove artigos estudados nesse período, foram identificadas 167 referências teóricas, das quais 97 são estrangeiras (58%) e 70 são nacionais (42%). Os gráficos abaixo ilustram esses números.

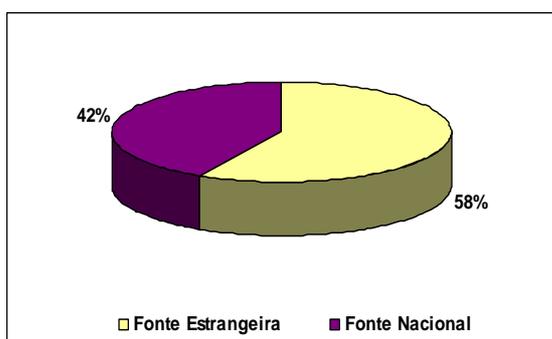
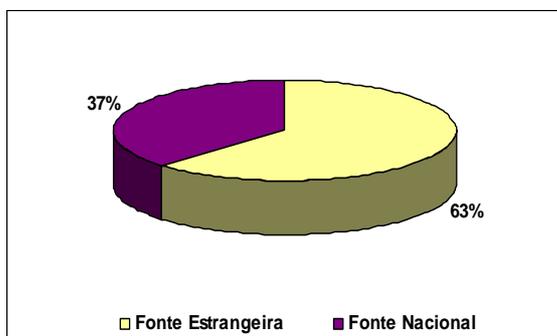


Gráfico 3 –Referências (1979-1987)

Gráfico 4 –Referências (1988-2004)

No que concerne ao uso das fontes, Lovisolo e Kowalski (2000) compreendem que esse fato indica um sistema de relações mais integrado com as comunidades científicas não nacionais. No caso específico da RBCE, devido à preocupação em conferir cientificidade aos trabalhos por ela veiculados, e a não existência, quando do seu surgimento, de significativos artigos que pudessem ser tomados como referência, ocorre uma aproximação com autores e estudos estrangeiros, como forma de acumulação de capital simbólico. Isso acontece, principalmente, com os trabalhos da área biológica.

É importante ressaltar que, inicialmente, quando do surgimento da Revista, ela foi dirigida por médicos, decorrendo daí o fato de grande parte dos artigos da primeira fase em questão (1979-1987) apresentarem estudos quase exclusivamente com temáticas relacionadas com a questão biológica, ocorrendo o inverso no período de 1988 a 2004, no qual a veiculação de artigos dessa área diminuiu consideravelmente.

A PEDAGOGIA NA RBCE ENTRE 1979-2004: TIPO DE AUTORIA E FONTES

TIPO DE AUTORIA

No intervalo de 1979 a 1987, foram analisados cinco artigos classificados na área de Pedagogia, dos quais três apresentam autoria individual (60%) e dois são de autoria coletiva (40%). Na sequência, o segundo intervalo, 1988-2004, contou com um

corpus documental mais expressivo de 41 artigos, do qual foi identificado um total de 29 trabalhos com autoria individual (71%) e 12 com autoria coletiva (29%). Esses dados podem ser conferidos nos gráficos 5 e 6.

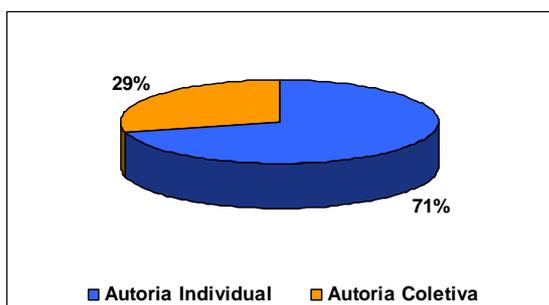
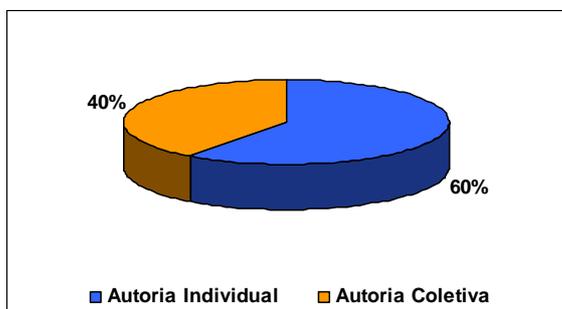


Gráfico 5 – Tipo de Autoria (1979-1987)

Gráfico 6 – Tipo de Autoria (1988-2004)

Nos artigos com características da área da Pedagogia, em ambos os períodos, nota-se que os autores privilegiam a individualidade na produção dos trabalhos, o que pode ser compreendido pelo esforço de os autores, individualmente, refletirem sobre temas que cercam a Educação brasileira. Como explicitam Lovisolo e Kowalski (2000), há uma relação “positiva” do trabalho em equipe com determinadas áreas temáticas, mas também existe uma relação “negativa” com outras áreas, considerando-se seu caráter individualizado, como é o caso das Ciências Humanas e Sociais.

REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Dos cinco artigos estudados na área da Pedagogia no período entre 1979 e 1987, foram identificadas 52 referências teóricas, das quais 21 são estrangeiras (40%) e 31 são nacionais (60%). Quanto ao período de 1988 a 2004, foram mapeadas 494 referências, 170 estrangeiras (34%) e 324 nacionais (66%). Os gráficos que seguem ilustram esses dados.

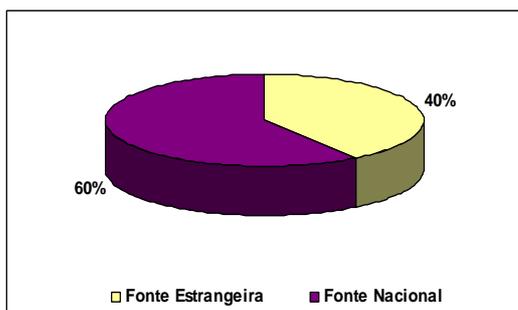


Gráfico 7 - Referências (1979-1987)

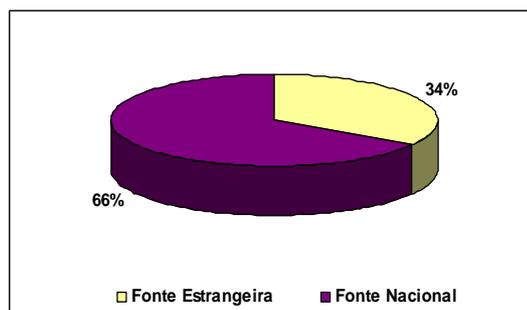


Gráfico 8 - Referências (1988-2004)

Chama a atenção o significativo aumento do número de referências identificadas do primeiro (52) para o segundo momento do estudo (494) na área da Pedagogia. Isso talvez indique uma preocupação maior com a temática aqui privilegiada, qual seja, o estudo sobre a criança em idade escolar, que busca, em fontes nacionais, possíveis soluções para questões afetas à Educação e à Educação Física escolar.

Diante do mapeamento das 52 referências teóricas da Pedagogia no primeiro recorte temporal, foi possível identificar e classificar os autores que se encontram ligados à área da Educação Física, da Educação e das Ciências Humanas e Sociais (CHS). Contudo, foram consideradas somente as referências nacionais (que são as mais expressivas em termos numéricos), excluindo também as referências de instituições governamentais, órgãos particulares e propostas curriculares de ensino, restando apenas 37. Assim, ligada à área da Educação Física, encontra-se a maior parte do referencial teórico, ou seja, 26 referências; associadas à área da Educação, foram contabilizadas oito referências e fizeram parte das CHS apenas três referências. O gráfico abaixo ilustra essa distribuição.

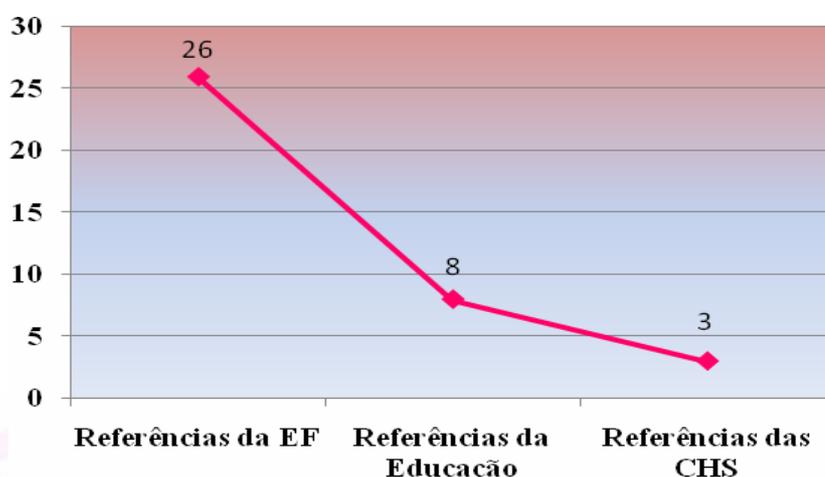


Gráfico 9 – Percentual de Referências Teóricas (1979-1987)

Com relação ao intervalo de 1988 a 2004, a quantidade de referências teóricas dos artigos analisados é consideravelmente mais numerosa (494), se comparada com as referências do intervalo anterior. Logo, a incidência de referências teóricas ligadas às áreas de Educação Física, Educação e CHS é também maior

Entretanto, para se efetivar a classificação das 494 referências encontradas, foram excluídos, assim como no intervalo de 1979-1987, os autores estrangeiros,

privilegiando as referências nacionais. Também foram excluídas as referências de instituições governamentais, de órgãos particulares e de propostas curriculares de ensino. Dessa forma, serão classificadas 187 referências: 101 da Educação Física, 61 da Educação e 25 das CHS. O gráfico a seguir ilustra esses dados.

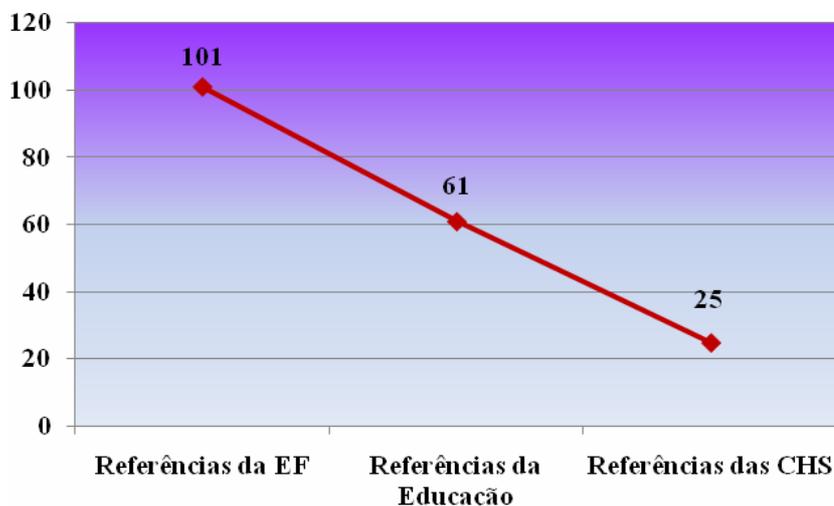


Gráfico 10 – Percentual de Referências Teóricas (1988-2004)

O expressivo número de trabalhos encontrados demonstra que a RBCE passa a debruçar-se sobre temas que “aparentemente” não estavam na linha de frente da produção da Revista. Contudo, destacamos que, embora concentrados em fins da década de 1980, os artigos que tratam da criança pelo viés pedagógico também estavam presentes na RBCE em momentos anteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode ser observado, existe, aparentemente, uma linha de continuidade, mesmo com as descontinuidades, entre aquela orientação pertinente no âmbito do escolanovismo, de meados do século XIX, e a produção científica veiculada na RBCE, a partir da segunda metade do século XX, momento em que o pensamento pedagógico brasileiro, em especial da Educação Física, seria implantado e consolidado. Essas continuidades se referem ao trato com as crianças escolarizadas que são objetos privilegiados de estudos no periódico em questão, considerando para tanto a quantidade expressiva de referências teóricas, além dos próprios autores dos artigos que elegeram essa temática em seus estudos.

As duas áreas de conhecimento aqui investigadas se fazem presentes na Revista como forma de prescrição de saberes e práticas a serem seguidos em âmbito escolar. Daí o entendimento de que

[...] a necessidade de compreender como se produzem as proposições para a área, seus matizes e núcleos geradores de sentido são de extrema importância para um campo que busca compreender os significados da sua história e os discursos que

constituíram/constituem sua identidade (SCHNEIDER; FERREIRA NETO, 2001, p. 132).

Ressaltamos que o contexto da área da Educação Física, na década de 1980, apresentava a chegada das teorias educacionais. Além disso, os anos de 1990 indicam, como frutos da reorientação da visão de produção de conhecimento do CBCE e, conseqüentemente da RBCE, o crescimento de pesquisas que se pautarão nas Ciências Humanas e Sociais e os indícios de novos rumos, inclusive, ao considerar temáticas antes menos visitadas, intensificando o interesse em discuti-las com base no diálogo interdisciplinar.

De forma geral, a grande quantidade de artigos na área da Pedagogia que tem como foco crianças em idade escolar pode indicar uma necessidade de se entender mais e melhor os aspectos que envolvem essas crianças, que não apenas os aspectos anatomofisiológicos, visto que as crianças possuem uma dimensão biológica, mas também uma dimensão cultural simultaneamente. Maturana (2001) procura fazer aproximações com outras áreas do conhecimento que talvez possam fornecer elementos para se tentar configurar uma tal teoria da Educação Física brasileira, entendendo que somente a Biologia não dá conta de explicar a evolução do ser humano.

Com o incremento do debate acadêmico na Educação Física, o predomínio biológico passou a ser questionado, ressaltando a questão sociocultural no campo (DAOLIO, 2004), embora esse debate já estivesse presente, desde a década de 1940, com os estudos de Inezil Penna Marinho.

Sabe-se que um dos marcos legitimados entre as Ciências Biológicas e as Ciências Humanas e Sociais na Educação Física foi a década de 1980. Contudo há autores que sinalizam que, se na década de 1980 as tensões da Educação Física passavam por sua filiação ou não a um ramo da ciência, ou mesmo se apresentavam como uma ciência, hoje os desafios seriam outros. Mais do que preservar a dicotomia Ciências Naturais versus Ciências Humanas, Biologia versus Pedagogia, é preciso questionar a concepção de ciência da qual se fala e se pratica ou quer praticar.

Boaventura de Souza Santos (2004) defende que, na transição para uma ciência pós-moderna, deixa de ter sentido e utilidade a distinção entre Ciências Naturais e Ciências Humanas e Sociais. Segundo esse autor, o paradigma emergente que se anuncia no horizonte fundamenta-se na superação da dicotomia entre Ciências Naturais e Ciências Humanas e Sociais, cuja “[...] distinção assenta numa concepção mecanicista da matéria e da natureza a que contrapõe, com pressuposta evidência, os conceitos de ser humano, cultura e sociedade” (SANTOS, 2004, p. 61).

Nesse sentido, a educação física poderá buscar o diálogo entre as diversas áreas do conhecimento, proporcionando a comunicação entre áreas aparentemente distintas, como é o caso das ciências naturais e humanas, sem preconizar a hierarquização dos saberes (BOHM; PEAT, apud MENDES, 2002, p. 19).

É possível reconhecer os esforços empreendidos pela Revista em garantir a respeitabilidade acadêmica indicando sua delimitação do científico e do não científico em Educação Física. É preciso mencionar que as discussões do periódico nos seus primeiros anos se caracterizam pelo forte apelo a áreas (como a Fisiologia, a Biomecânica e a Antropometria) que poderiam fornecer um aporte científico à

Educação Física.

Segundo Brandão (1994), a melhoria da qualidade da produção científica na área de Educação Física exige o desmascaramento teórico da área, com a avaliação da sua produção científica. Nesse sentido, os dados levantados por este estudo indicam que ainda está muito presente na RBCE a hierarquização dos saberes apropriados pela Educação Física, em especial os saberes biológicos e pedagógicos.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. Apologia da história: ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. Batendo bola, batendo cabeça: os problemas da pesquisa em educação física no Brasil. Ibitinga: Humanidades, 1994.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A caixa de utensílios e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo (Org.). Brasil 500 anos: tópicos em história da educação. São Paulo: Edusp, 2001. cap. 7, p. 137-167.

CATANI, Denice Bábara; SOUSA, Cynthia Pereira de: Catálogo de imprensa periódica educacional paulista (1890-1999): um instrumento de pesquisa. São Paulo: Plêiade, 1999.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DAOLIO, Jocimar. Educação física e o conceito de cultura. Campinas: Autores Associados, 2004.

FERREIRA NETO, Amarílio. A pedagogia no exército e na escola: a educação física brasileira (1880-1950). Aracruz, ES: FACHA, 1999.

FERREIRA NETO, Amarílio. Leituras dos 20 e 25 anos do CBCE: política, comunicação e (in)definição do campo científico. In: _____ (Org.). Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 3-26.

FREITAS, Marcos Cezar de. Da idéia de estudar a criança no pensamento social brasileiro: a contraface de um paradigma. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JUNIOR, Moysés. (Org.). Intelectuais na história da infância. São Paulo: Cortez, 2002. cap. 12, p. 345-372.

FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JUNIOR, Moysés. Apresentação. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JUNIOR, Moysés. (Org.). Intelectuais na história da infância. São Paulo: Cortez, 2002, p. 7-9.

LOVISOLO, Hugo; KOWALSKI, Marizabel. As nossas revistas: uma primeira aproximação. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 93-107, nov. 2000.

MARINHO, Inezil Penna. Conceito bio-sócio-psico-filosófico da educação física em oposição ao conceito anátomo-fisiológico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 23-38, fev. 1944.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MENDES, Isabel Brandão de Souza. Corpo, biologia e educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 24, n. 1, p. 9-22, set. 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortes, 2004.

SCHNEIDER, Omar; FERREIRA NETO, Amarílio. Intelectuais, pedagogia e educação física: contribuição de Rui Barbosa, Manoel Bomfim e Fernando de Azevedo. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). *Pesquisa histórica na educação física*. Vitória: Proteoria, 2001. p. 131-156.

RACHEL BORGES CORTE chel.bc@gmail.com
Mestranda em Educação Física PPGEF/UFES
Membro do PROTEORIA - Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física
Av. Fernando Ferrari, s/n
Campus Goiabeiras/ES – PROTEORIA/CEFD/UFES
CEP: 29060-900

AMARÍLIO FERREIRA NETO amarilio@proteoria.org
Professor do Departamento de Desporto – UFES - Doutor em Educação
Membro do PROTEORIA - Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física
Av. Fernando Ferrari, s/n
Campus Goiabeiras/ES – PROTEORIA/CEFD/UFES
CEP: 29060-900

Recurso tecnológico: data show